



GEOPOLÍTICA DO CONFRONTO

Therézinha de Castro

"Todo Soberano que conte com forças terrestres tem apenas uma mão; no entanto, todo aquele que possua também uma Marinha tem as duas mãos"

(Pedro, o Grande-Czar da Rússia)

INTRODUÇÃO

Na Geopolítica do Confronto os papéis que a Rússia e os Estados Unidos vêm representando dentro da bipolaridade, no âmbito das Relações Internacionais, se encontram amplamente afetados pelo posicionamento que as referidas super-potências ocupem no mapa mundial.

Na atualidade, embora as super-potências se venham dedicando à conquista do espaço aéreo, encontram-se ainda muito dependentes das massas oceânicas; conseqüentemente, *o acesso ao mar é dos posicionamentos mais favoráveis em face da Geopolítica do Confronto*. Por isso, no jogo de xadrez mundial, um posicionamento que permita exercer *toda influência possível sobre as vias de passagem* é a meta das super-potências.

CENÁRIO DE DUAS GUERRAS

As duas guerras mundiais foram para o nosso século XX agentes essenciais de transformação por terem revolucionado profundamente *as relações de forças entre os Estados*, dosando níveis de poder e concorrendo para que se reestruturasse toda uma hierarquia.

A Primeira Guerra Mundial, ao lado do movimento das minorias étnicas, esboçava todo um contexto de *crescimento do nacionalismo*; trazia em seu bojo a *anulação gradativa do regime monárquico*, num confronto geopolítico que *tornava vitorioso o sistema republicano*. Tais perturbações afetaram sobretudo os Balkans e Estados Danubianos, concorrendo, dentro da geopolítica do confronto, para o *desequilíbrio do poder*.

Com Carlos I preferindo renunciar ao exercício de suas funções, proclamava-se, em novembro de 1918, a república na *Áustria-Hungria*. Em contrapartida, o *Tratado de Saint Germain* (setembro de 1919) reduzia o antigo e vasto império dual a um conglomerado de formações geopolíticas, meros expedientes da História. No cenário de um *Grande Estado* surgiam *Pequenos Estados* com esse Tratado reconhecendo a independência dos povos eslavos.

A *Sérvia* unificava a família eslava do sul — sérvios, croatas e eslovenos, formando a *Iugoslávia*, paradoxalmente sob forma de monarquia. Em face da geopolítica do confronto implantava-se no norte uma república com capital em Praga, antigo ideal dos tchecos, tornado realidade com a *Tchecoslováquia*. Finalmente, além de restituir à *Polônia* (que ressurgia no mapa), os territórios que lhe subtrairia durante as partilhas, a *Áustria* perdia também a *Hungria* que tinha sua independência reconhecida pelo *Tratado de Trianon* (1920).

Contribuindo ainda mais para o desequilíbrio do poder, a *Turquia*, verdadeira metrópole do Império Otomano, já vinha desde o século XIX perdendo o seu predomínio nos Balkans. A Grécia dera o primeiro passo tornando-se independente em 1822;* a partir de 1859 a *Rumânia* tornava-se praticamente independente ficando ligada à *Turquia* apenas pelo pagamento de pequeno tributo. Chegava depois a vez da *Bulgária* erigir-se em Principado autônomo (1878); enquanto

a *Albânia* e a *Sérvia*, esta acrescida de territórios austríacos, só conseguiam suas respectivas independências depois da Primeira Guerra Mundial.

No entanto, no período de entre-guerras tanto *os países danubianos quanto os balkânicos* continuaram a viver dentro do subdesenvolvimento e, conseqüentemente, dependentes do próprio imperialismo europeu. Enquanto Mussolini cobiçava regiões além do Adriático, na geopolítica do confronto as grandes interferências estiveram a cargo das *extremas direitas ligadas a Hitler e das extremas esquerdas manobradas por Stalin*.

Nessa região de países pequenos e fracos se encontraria, pois a fagulha que provocaria a Segunda Guerra Mundial. É que os Balkans, apresentando um relevo predominantemente montanhoso, contribuíram para o *cantonalismo geopolítico* anulando na área um caráter típico comum. Aí, onde inexistia a unidade religiosa, lingüística e cultural, surgiram novos Estados das ruínas de antigos impérios. Restaria como traço comum apenas a *experiência histórica da sujeição a diferentes potências estrangeiras*; tudo conseqüência também de seu *posicionamento peculiar no ponto de encontro do*

* Coincidentemente este ano marca a entrada do Brasil unido como nação independente para o concerto das nações; e o mau desfecho da Conferência de Guayaquil, no qual o desentendimento Bolívar-San Martín concorria para o estacelamento do bloco hispano-americano. O Império do Brasil nascia assim rodeado por várias pequenas repúblicas.

Ocidente e Oriente, eterno foco de uma geopolítica de confronto. Daí Bismarck em 1897 haver profetizado que "alguma loucura nos Balkans acabaria por deflagrar um conflito mundial". E foi justamente aí, na cidade de Serajevo, que em virtude do assassinato do herdeiro do trono austríaco, se desencadearia a Primeira Guerra Mundial.

Aí estava exatamente o "*Cinturão do Diabo*" de Haushoffer, com base no "*espaço vital*" de Ratzel e no "*destino manifesto*" esposado por Kjellen; era justamente essa área que propiciaria o domínio de toda a Europa, do Báltico até os Balkans, que levaria Hitler à grande empresa expansionista que deixara bem clara em "*Mein Kampf*", desencadeando a Segunda Guerra Mundial.

Mas Hitler perderia a guerra e esse "*Cinturão do Diabo*", de importância geoestratégica, passaria a ser dominado pela Rússia que o transformou na sua "*Cortina de Ferro*". (Mapa 1) Surgia assim a *barreira defensiva para o imenso espaço terrestre russo*; barreira que, no entanto, haveria de se transformar no *complemento terrestre para as Frotas do Mar do Norte, do Báltico e Negro*, visto que Gorshkov classifica a Marinha como "*Auxiliar Fiel do Exército*". (Mapa 2)

CONFRONTO LESTE-OESTE

Se a Rússia saía como vencedora perante a ideologia de direita de Hitler, teria que se confrontar com

seu aliado na Segunda Grande Guerra e agora rival, o líder do chamado mundo capitalista, os *Estados Unidos*. Formar-se-ia então na *geopolítica do confronto um eixo leste-oeste*.

Os Balkans, faixa-tampão entre eslavos e germânicos, seriam, através dos séculos, objeto de pressões militares e demográficas, numa geopolítica de confronto não só por parte de poderosos vizinhos como também da interferência direta de outras nações. Seu status geopolítico atual fora decidido pelos ainda então Aliados nas *reuniões de Yalta e Potsdam* (1945).

Num eixo leste-oeste haviam se formado, coincidentemente, tanto a Rússia quanto os Estados Unidos. Só que a primeira instalada no ativo foco de decisões políticas do mundo de então, enquanto a segunda no flanco pacífico da retaguarda — a América.

A porção européia da Rússia contígua à "*Cortina de Ferro*", além do *Glacial Ártico*, é banhada pelos *mares Báltico, Negro e Cáspio*. (Mapa 1) Mas, como União Soviética é, através da Sibéria, também asiática, banhada então pelo *Pacífico*.

Na Ásia, como que para *atenuar a continentalidade*, estão dispostos nas fímbrias vários arquipélagos, alternadamente em arcos côncavos e convexos, mantendo certo paralelismo com o litoral. Nesse contexto, no *litoral siberiano do Pacífico*, num enlace continente-ilhas formaram-se *grandes mares secundários* entre os quais



o da China, o do Japão e o de Okhotsk.*

Entre o Arquipélago Japonês, a Ilha de Sakalina e as Kurilas situam-se os Estreitos de La Perouse ou Soya e o de Tsushima, pontos de estrangulamento para a Frota Soviética do Pacífico, na geopolítica do confronto. A mesma geopolítica que põe frente a frente as duas super-potências atuais, no prolongado saliente de dois grandes avanços peninsulares — para o sul, representado pela *Península do Kamtchaska*, para o leste a *Península de Chukhes ou de Bhering*. Aí, pois, o Kremlim se defronta com três grandes barreiras formadas pela China, Japão e Estados Unidos. (Mapa 2)

Estrangulamento Norte e Oeste

Com um desenvolvimento longitudinal de 3.700 km, destes apenas 500 km se encontram parcialmente livres do gelo no litoral do *Oceano Glacial Ártico*, pertencente à Rússia. Para contrabalançar esse estrangulamento determinista da natureza, após a Segunda Guerra Mundial o Kremlim conseguiu transformar o Báltico praticamente num lago russo, onde o país passou a possuir cerca de 1.500 km.

Numa etapa preliminar de chegada ao Mediterrâneo, sonho que a Rússia alimenta desde Catarina II, o Kremlim passou a possuir no Mar Negro a metade de seu litoral,

avaliado em 2.500 km. Detém ainda a quase totalidade do Mar Cáspio, escapando-lhe apenas pequeno trecho no sul, que banha território iraniano. (Mapa 1)

Assim, no Norte e no Oeste as grandes limitações básicas para a Marinha Soviética são sem dúvida alguma o gelo e os pontos naturais de estrangulamento natural dos Estreitos.

Da fronteira com a Noruega, no oeste, até o Mar de Bhering no leste, vivem, acima do Círculo Polar Ártico, cerca de 17 milhões de soviéticos; destes, cerca de um milhão está na *geoestratégica Península de Kola*, cujo desenvolvimento militar, sem dúvida alguma, muito deve ao mundo ocidental.

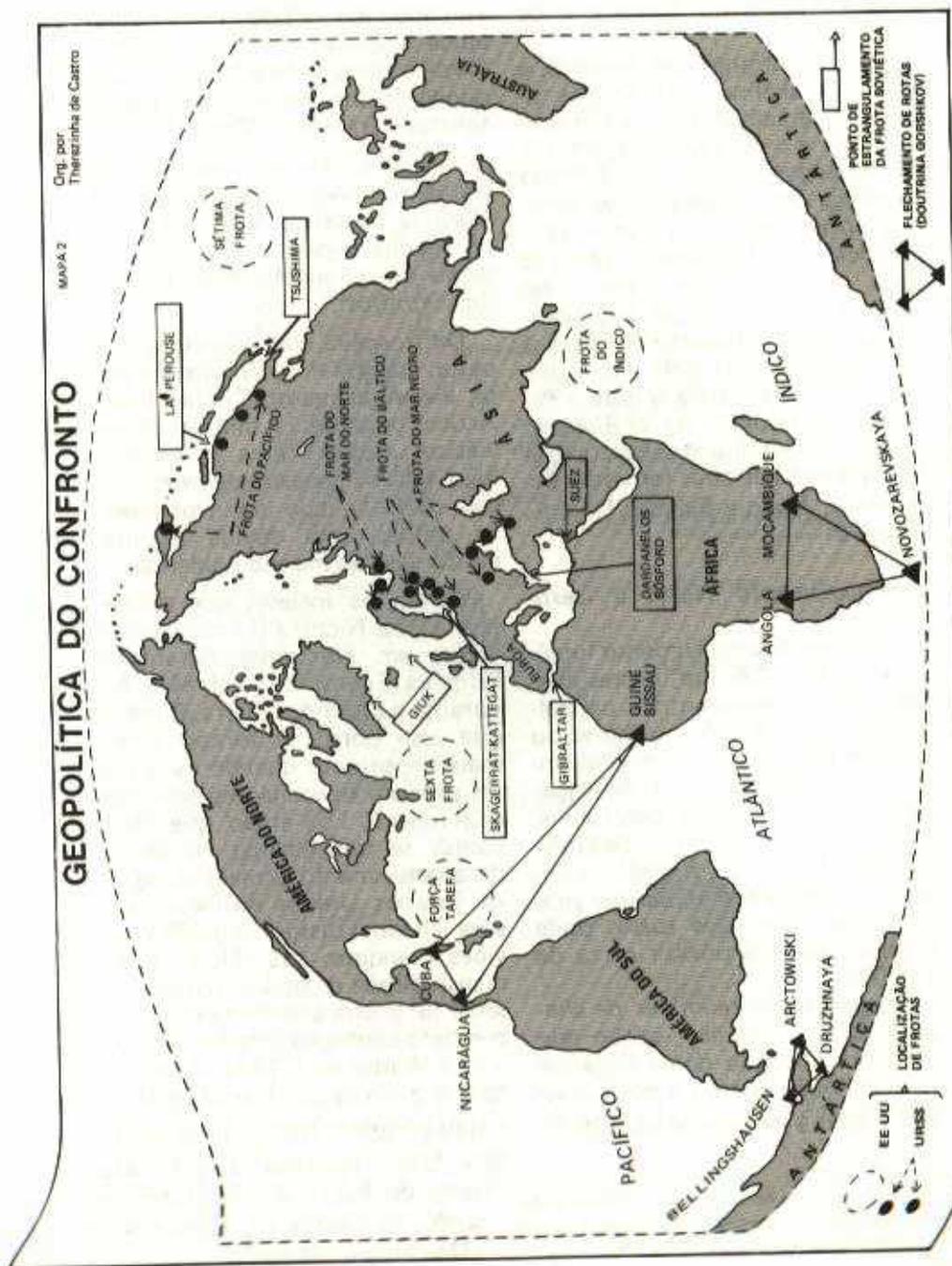
Foram os ingleses que animaram o Czar Nicolau II a concentrar forças em *Murmansk* durante a Primeira Guerra Mundial. Mas, foi durante a Segunda Guerra Mundial que esse porto se tornou ainda mais importante quando os nazistas venciam os vacilantes exércitos comunistas. Foi então que *Murmansk* se transformou no ponto de abastecimento através do qual os Estados Unidos enviavam aos seus aliados russos munições, aviões, tanques, etc. Hoje, *Murmansk* dispõe de poderosíssimo arsenal de guerra pronto a entrar em combate contra os Estados Unidos e seus aliados da OTAN. Aí se encontra a *Frota do Mar do Norte*, a mais poderosa formação da Marinha russa, igualada apenas pela *Frota do Pacífico*, mas ultrapassando as *Frotas do Báltico e do Mar Negro*. (Mapa 2)

* Para maiores detalhes vide — "Sibéria: de Mackinder a Andropov" — A Defesa Nacional nº 711, janeiro/fevereiro de 1984.

Org. por
Therézinha de Castro

MAPA 2

GEOPLÍTICA DO CONFRONTO



É a *Corrente do Golfo*, que torna essa região vital para a Rússia; quando suas águas quentes, procedentes do Caribe, atingem o Ártico, mantêm abertos os canais que sem elas estariam congelados. E é justamente esse acesso natural ao alto-mar a *chave da estratégia soviética no Atlântico-Norte*. Conseqüentemente, a expansão militar na Península de Kola vem sendo acompanhada com grande interesse pelo Kremlin; em abril de 1984 ficou demonstrada toda a extensão desse poderio, quando cerca de 100 de seus navios surgiram ao largo da costa norueguesa, nas maiores manobras já realizadas no Atlântico-Norte pela Rússia.

E enquanto desse reduto a OTAN se vê ameaçada pela Rússia, destaca-se na geopolítica do confronto o *Mar do Norte* com seus 571.910 km², *banhando a Inglaterra, Península Escandinava e Países Baixos*. Aí se encontram as *limitações para os soviéticos em pontos de estrangulamentos formados pelos Estreitos de Skagerrat, Kattegat, Oresund ou Sund, Grande e Pequeno Cinturão* que comunicam os mares do Norte e Báltico. (Mapa 3)

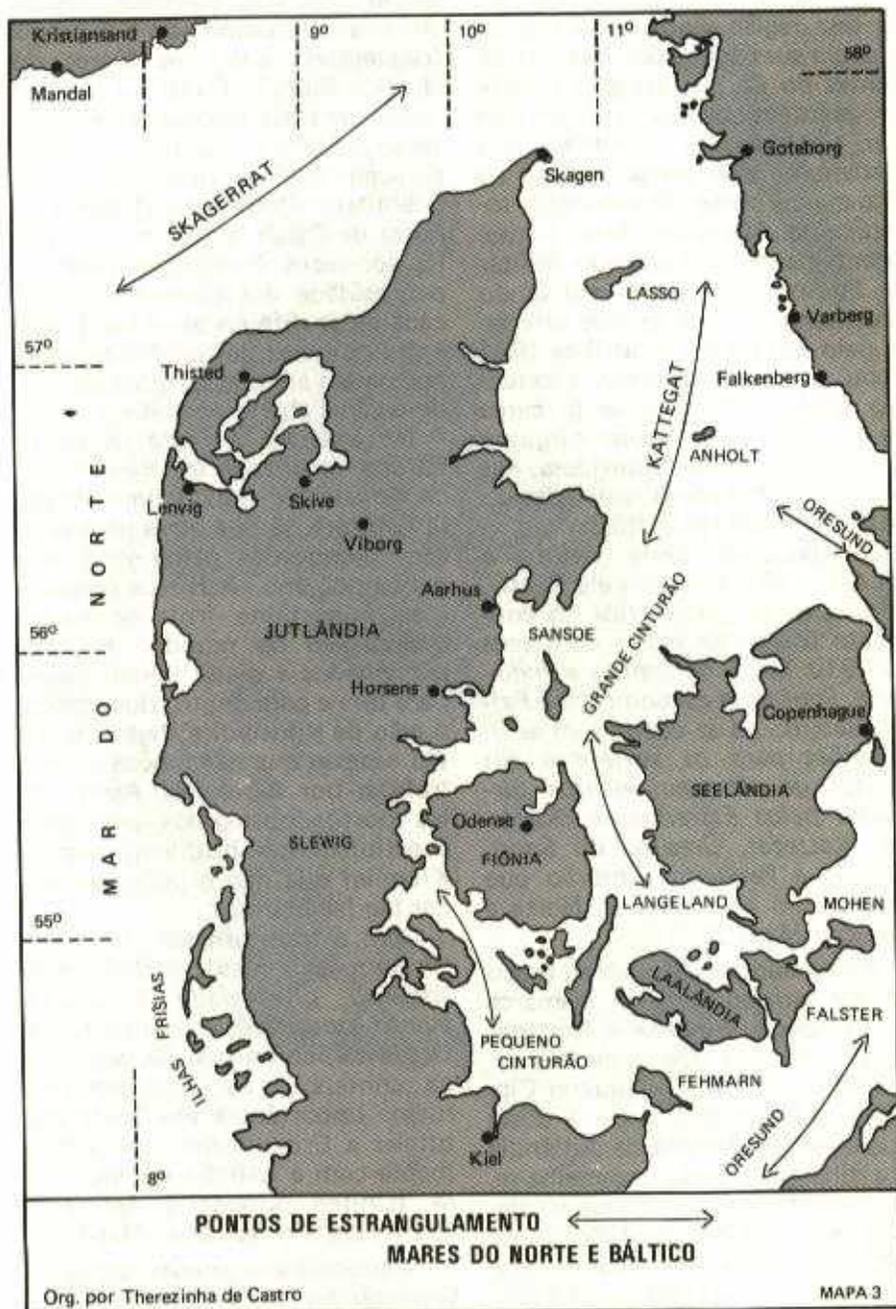
Atravessando o Skagerrat, braço de mar estreito entre a Dinamarca e a Noruega, atinge-se o Kattegat e daí o Báltico através de três Estreitos ou Sunds. O Pequeno Cinturão (Lille Baelt) entre a costa oriental da Península da Jutlândia e a Ilha de Fiônia, assemelha-se, em alguns pontos, a um rio caudaloso dada a impetuosidade de sua corrente. O Grande Cinturão (Store Baelt) é o mais largo e mais pro-

fundo dos três Estreitos, muito embora o Oresund seja a via mais frequentada entre os Mares do Norte e Báltico. Constitui esse Estreito uma das artérias de mais intenso comércio mundial em comparação com o que ocorre em Gibraltar, Dardanelos-Bósforo e Passo de Calais. Embora se congele, por vezes, é navegável pela impetuosidade das correntes provocada pelas diferenças de salinidade entre os mares Báltico-Norte; estas costumam arrastar os gelos deixando o canal aberto ao tráfego.

No entanto, a *Frota Russa do Báltico localizada na Base Naval de Konstadt e Riga*, é limitada pela natureza, já que esses portos ficam bloqueados pelos gelos três meses por ano. A Rússia possui a mais importante frota de navios quebra-gelo do mundo, que impulsionados a diesel abrem canais para fora e para dentro dos portos; o gelo de Konstadt e Riga se torna tão espesso que caminhões podem trafegar por sobre eles. Assim, esses portos obstruídos pelo gelo constituem um problema para o Kremlin que não o pode solucionar tão facilmente.

Com a transformação do Báltico num lago russo, a *Dinamarca adquiriu privilegiado posicionamento geoestratégico para o Bloco Ocidental*, como bastião avançado na contenção ao expansionismo russo. Importância duplicada por tutelar a *Groenlândia*, que, juntamente com a *Islândia* e a *Inglaterra* (United Kingdom) forma o GIUK, bastião recuado. (Mapa 2)

A importância geoestratégica da Groenlândia seria ressaltada no



início da Segunda Guerra Mundial quando esta ilha mostrou seu *posicionamento privilegiado, no sentido inverso da rota marítima dos vikings*. Após entrar para a OTAN, embora haja sofrido pressão para não fazê-lo, por parte da Rússia, a Dinamarca concordou em assinar o Acordo de 27 de abril de 1951 com os Estados Unidos. Por este acordo, invocando questões de defesa mútua, a Marinha Dinamarquesa permitiu o estabelecimento de bases estadunidenses na Groenlândia. A posição excepcional de *Thule* transformou-se numa espécie de *plataforma giratória aeropolar*; isto porque os grandes centros industriais da Ásia, Europa e América do Norte estão a menos de 5.000 km deste centro. Por outro lado, os Estados Unidos instalavam a chamada *Base Norte* no nordeste da Groenlândia, distando 500 km do Arquipélago russo de Spitzbergen, e a 1.000 km da Ilha Rodolfo, no Arquipélago também soviético de Francisco José. Conseqüentemente ficou comprovado o excelente posicionamento do escudo de gelo formado pela Groenlândia como base de alerta, interceptação e partida em qualquer emergência que ponha em perigo a defesa do Ocidente.

A Islândia constitui-se numa *zona de transição entre o Atlântico e o Glacial Ártico* e, como ilha mais ocidental da Europa, é *ponte para a América através da Groenlândia*. A Islândia domina por seu posicionamento o Atlântico-Norte; daí a grande vitória dos Estados Unidos quando conseguiram que esse país-ilha aderisse à OTAN, cedendo-lhe

em caráter permanente a *base militar de Keflavik*.

Estrangulamento Sul

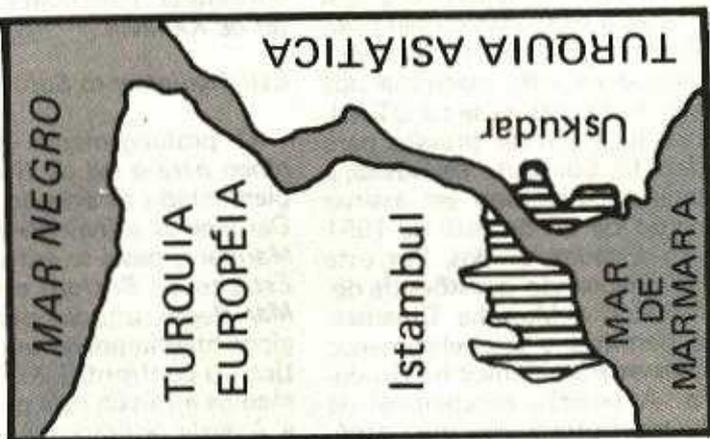
O prolongamento do *Mediterrâneo para o sul da Rússia* é complementado através do *Estreito de Dardanelos* atingindo-se o *Mar de Marmara*; passa-se em seguida pelo *Estreito de Bósforo* e se chega ao *Mar Negro*, um dos pontos nevrálgicos mais importantes na geopolítica do confronto. Aí, através dos séculos a Rússia teve que enfrentar a *Áustria*, a *França* e a *Inglaterra*, as potências do século XIX, que sempre impediram o *sonho russo de pôr as mãos sobre Dardanelos e Bósforo*, obtendo assim uma *saída para um mar quente, o Mediterrâneo*.

Finda a Segunda Guerra Mundial não conseguiu a Rússia derrogar a *Convenção de Montreux*,* substituindo-a, como desejava, por um *Pacto de Defesa Comum dos Estreitos*, que, em nome da boa vizinhança, levasse a *Turquia* a entregar-lhe *uma base no Bósforo*. Justamente esse Estreito que põe a frente *Instambul* e *Uskudar*, que unindo os mares Negro e de *Marmara*, com 30 km de comprimento e largura, variando dos 900 aos 4.000 metros, separa a *Ásia* da *Europa*. (Mapa 4)

Sem obter esse posicionamento geoestratégico contentou-se a *Rússia*

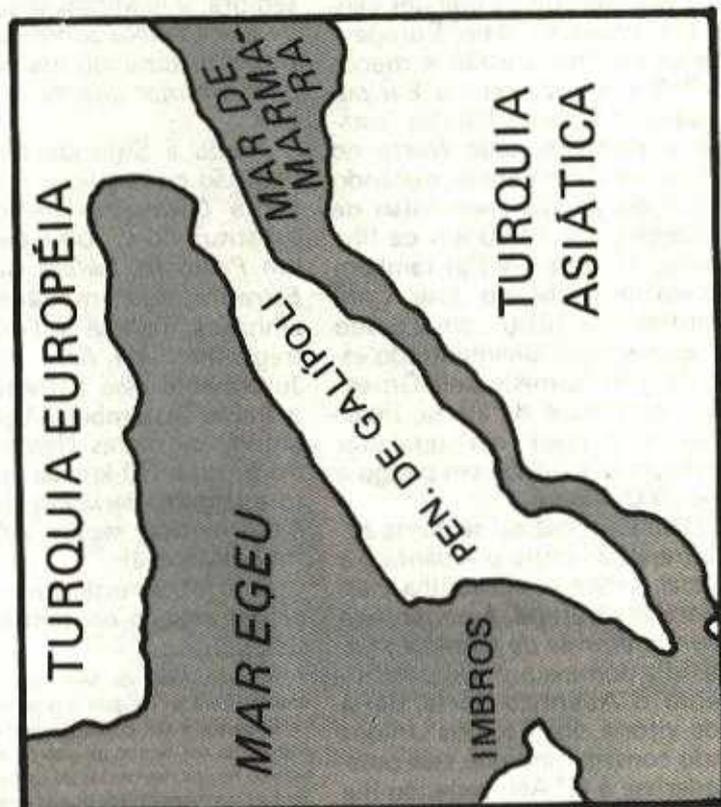
* A Convenção de Montreux (1936) reconheceu para a *Turquia* o direito de fortificar os Estreitos e ter, conseqüentemente, o poder sobre eles em tempo de guerra; muito embora para os navios mercantes de todas as potências tenha sido reconhecida por aí a livre passagem.

BÓSFORO



MAPA 4

DARDANELOS



Org. por Therezinha de Castro

sia com a transformação da Bulgária e da România em países-satélites que lhe dão predominância no Mar Negro, onde não há o problema de gelos. (Mapa 1)

Consequentemente os estreitos turcos, com a Turquia na OTAN, Gibraltar* e Suez restringem a facilidade de acesso da Rússia aos Oceanos Atlântico e Índico, constituindo-se, pois, em poderosas chaves de segurança para o Ocidente.

Estrangulamento Leste

Em sua expansão para a Ásia, não bastava ao governo de Moscou o posicionamento de Vladivostok, fundado em 1860, porto que fica bloqueado pelos gelos durante o inverno. Por isso, pressionando a China, conseguiu a Rússia, com a Estrada de Ferro da Mandchúria (1896) atingir dois anos depois Porto Arthur, e obter a sua tão desejada saída para um mar livre no Pacífico.

Na geopolítica do confronto, esse expansionismo teve sua fase de bloqueio por parte do Japão; após a Guerra Russo-Japonesa, com o Tratado de Portsmouth de 5 de setembro de 1905, essa área passava para a esfera de domínio do governo de Tóquio.

Após a Segunda Guerra Mundial, em face do *absenteísmo ocidental* e inepto legado da chamada

Doutrina Roosevelt ou "Política da Porta Aberta", a Rússia pôde, com a derrocada do Japão, transformar essa área num foco de tensão internacional, onde tem ação permanente a *Sétima Frota*, numa ativa geopolítica de confronto, por parte dos Ocidentais, auxiliados pelos *Estreitos de La Perouse ou Soya e de Tsushima* que estrangulam a passagem da *Frota Soviética do Pacífico* localizada em *Vladivostok e Petropavlovsk*, portos bloqueados pelo gelo durante vários meses por ano.

CONCLUSÃO

Com Moscou "porto de sete mares" — Báltico, Branco, Kara, Negro, Azov, Cáspio e Aral, — a configuração geoestratégica mundial pode ser analisada através da Rússia dominando o Bloco Oriental, dotada de vasto espaço terrestre em zona compacta da Eurásia.

Sabendo-se que a Europa nada mais é do que uma península da Ásia, a Rússia procura, no maior dos continentes, com projeções para o nordeste, sudeste e sudoeste, valer-se de seu posicionamento para, através desses apêndices tentaculares, se estender ou se aproximar da América por Bhering, da Austrália por Malaca e trampolins formados pelo Arquipélago de Sonda, como ainda através da África, banhada pelo Índico e Atlântico.

Esse Poder Terrestre porém, se vê bloqueado em pontos nevrálgicos, já que os mais importantes estreitos, autênticas "portas marítimas", se encontram com o grupo

* Reclamado pela Espanha, tal como as Malvinas pela Argentina, esse penhasco entre a Europa e a África domina a entrada do Mediterrâneo nas mãos da Inglaterra, que é peça importante da OTAN.

de nações que integra o Bloco Ocidental. Conseqüentemente observa-se que, na geopolítica do confronto, *o Bloco Ocidental forma o apêndice periférico através de autêntica talassocracia em oposição a geocracia soviética.*

E se a Eurásia se encontra defendida por pontos de estrangulamento, *impõe-se ao Kremlin a geoestratégia do envolvimento pelo sul através dos mares quentes.* Daí a *tática do flechamento de rotas** pregado por *Mañan*, estrategista dos Estados Unidos, e seguido por *Gorshkov*, que desde 1956 se tornou o principal arquiteto da nova e afirmativa Marinha Soviética.

Como além do gelo, *o outro inimigo do expansionismo marítimo russo são as distâncias*, para vencê-las, bem como aos pontos de estrangulamento, *vem a Doutrina Gorshkov se valendo dos vasos comunicantes geográficos inter-oceânicos* formados pela *Passagem do Cabo* (Atlântico-Índico) e Estreito de Drake (Atlântico-Pacífico).* *

Com a Doutrina Gorshkov em vigor, a Rússia passou, dentro da *continuidade e estabilidade geoestratégica*, a forjar a sua maior fortaleza, buscando seus objetivos e valendo-se sempre dos erros e dissensões entre os Ocidentais. Isto porque na geopolítica do confronto valem dois pesos e duas me-

das — o sistema democrático descentralizador dos Ocidentais levando desvantagem ante o sistema conservador centralizado manejado pelo Kremlin.

Conseqüentemente *as tendências do balanço militar tendem bem mais para o Pacto de Varsóvia do que para a OTAN.* Em face da descentralização de poder, a OTAN procurou sempre compensar a sua inferioridade quantitativa com a superioridade qualitativa, muito embora não tenha conseguido firmar-se de modo decisivo ante o Pacto de Varsóvia, de estrutura militar uniforme com o monopólio da Rússia.

Para Gorshkov a Rússia é uma nação continental cujo destino dependerá do mar. E se a base terrestre foi implantada, *compete à geoestratégia naval a iniciativa de um desdobramento avançado.*

Estabelecendo comércio com vários países africanos e latino-americanos, *a Marinha de Guerra russa age em plena época de paz.* É que segundo Gorshkov "o Poder Naval deve ser orientado no sentido de assegurar condições favoráveis para alicerçar o comunismo". Em face da geopolítica do confronto "os imperialistas estão transformando o oceano mundial numa vasta plataforma de lançamento para mísseis balísticos, submarinos e aviões embarcados apontados para a União Soviética e para os países da Comunidade Socialista, que em comparação com a terrestre eles consideram menos perigosa para seus países".

Para Gorshkov, ao construir um vasto Poder Terrestre, os czares fo-

* Para maiores detalhes vide — "Antártica: suas Implicações" A Defesa Nacional, n.º 702, julho/agosto de 1982.

* * Para maiores detalhes vide — "O Cone Sul e a Conjuntura Internacional" — A Defesa Nacional, n.º 712 — março/abril de 1984.

ram derrotados pelas Marinhas inglesa-francesa (1853), enquanto os japoneses esmagavam os russos em 1904-05. O czarismo pagou por essa deficiência da qual o comunismo devia se livrar para fazer frente à guerra fria, na intrincada geopolítica do confronto. Para Gorshkov, pois, a doutrina do Poder Terrestre inviolável da Rússia nada mais é do que uma tática dos Ocidentais para afastar o país do Poder Marítimo. País detentor da maior fronteira marítima, Gorshkov aponta-lhe o mar como "destino manifesto".

Quer fazendo singrar seus navios de guerra, sobretudo para "portos amigos" de Cuba, Nicarágua, Guiné-Bissáu, Angola, Moçambique, quer através de sua imensa frota pesqueira, quer através dos AGI*, os chamados navios de coleta de inteligência, que da Antártica vasculham o Atlântico de norte a sul, o Kremlin desafia o Ocidente nos mares. Assim, para vencer as distâncias ou pontos de estrangulamento, a principal missão naval soviética vem sendo a deterrência que Gorshkov define como "frotas contra terras".

Embora surgisse debilitada ao final da Segunda Guerra Mundial, a Rússia, com base no seu posicionamento defensivo, saía fortalecida com a derrota da Alemanha e do Japão; daí haver conseguido amputar o território japonês obtendo a Sakalina e as Kurilas, bem

como tornar-se a detentora dos destinos de seus vizinhos da "Cortina de Ferro" que o nazismo procurara anexar. Consequentemente, a unificação da Alemanha não interessa ao Kremlin; e, na geopolítica do confronto, iria representar-lhe como saldo negativo a independência que os Aliados deram à parte ocidental, transformando-a na República Federal da Alemanha. Assim sendo, como se vê no enunciado do preâmbulo do Pacto de Varsóvia de 14 de maio de 1955, a mobilização do Oriente se impunha por ter sido a Alemanha Ocidental integrada "ao bloco norte-atlântico, o que aumenta o perigo de uma ameaça à segurança nacional dos Estados pacíficos". Para o Kremlin, pois, o ingresso da Alemanha Ocidental na OTAN bem como sua transformação em nação independente era uma grande ameaça ao Poder Terrestre russo-europeu.

Levando-se em conta a tese de Mackinder, embora não tenha a Rússia todo o "Heartland" sob seu domínio em face da exclusão da Alemanha Ocidental, o Kremlin controla boa parte da "Ilha Mundial"; enquanto na geopolítica do confronto o Bloco Ocidental detém o domínio da periferia formada pelo "Crescente Interno Marginal". E nesse contexto, no relacionamento leste-oeste a Europa Ocidental e a China são as extremidades vitais do continente eurasiático que o Kremlin gostaria de dominar.

Embora desarticulados da OTAN, a China e o Japão, no Extremo Oriente, são os grandes obs-

* A mesma sigla do Ano Geofísico Internacional, que a partir de 1957-58 passou a estudar cientificamente a Antártica, trazendo a Rússia para o Índico e setores meridionais do Atlântico e Pacífico.

táculos do Kremlin no Pacífico, donde a *melhor alternativa russa encontrar-se ao sul através do "Crescente Externo Insular"*. Daí ser fundamental a penetração russa no Oriente Médio, a manutenção da instabilidade no Golfo Pérsico, o status de vulnerabilidade no Mar Vermelho, bem como o forte apoio que o Kremlin vem dando à Síria, Líbia e Argélia. A materialização desse vasto projeto geoestratégico poria em perigo o "soft-underbelly", ou o "ventre macio" da Europa Ocidental. É fato que a *penetração russa no Oriente Médio vem se dirigindo a alvos isolados*, porém de importância geoestratégica nos flancos de países pró-ocidentais.

Enquanto não se materializa esse projeto, a Rússia, através da Doutrina Gorshkov de facilidades navais, impõe a sua Marinha de Guerra no âmbito oceânico com forças aerotransportadas capazes de *intervir em áreas longínquas, não contíguas ao território soviético*.

Para a manutenção dessa frota, trata a Rússia de obter "glacis defensivos" que permitam o *envolvimento pelo sul através do Índico-Atlântico*, conquistando as simpatias do Laos e do Camboja, invadindo o Afeganistão, alimentando distúrbios na Etiópia e Iemen do Sul, sustentando a independência fictícia de países africanos como Moçambique, Angola, Benin, Guiné-Bissau, e aguardando os resultados em favor das esquerdas que poderão advir da chamada "volta à democracia" nos países do Cone Sul — Chile, Argentina,

Uruguai e Brasil, onde falta-lhe o arremate para o fechamento de rotas em Drake.

Por sua vez, o *Ocidente enfrenta crises* em divergências que refletem o declínio do potencial estadunidense na corrida armamentista, enquanto cresce a influência de uma Europa Ocidental e Japão já refeitos da crise bélica. Contribuem ainda para a *vulnerabilidade do Ocidente* as vacilações crônicas dos Estados Unidos tão afeitas ao seu regime democrático, enquanto a Rússia prima por manter uma política externa coerente e segura.

A Rússia, por sua vez, procura também tirar proveito das *divergências entre os Estados Unidos e seus aliados*, induzindo os grupos de esquerda desses países a uma "ofensiva de paz". Em nome da *democracia e dos direitos humanos* vão se sucedendo no Ocidente os movimentos pela desmilitarização e desnuclearização; contrastando com o Bloco Comunista que em nome da *unidade que faz a força e dos deveres humanos*, apoia o Kremlin que mantém seu crescimento do Poder Militar equivalente ou talvez superior ao estadunidense, bem como a sua avassaladora vantagem nuclear estratégica.

A *disciplina no Pacto de Varsóvia contrasta com a displicência na OTAN*, onde a Espanha e a Grécia sempre claudicaram, a França e a Inglaterra desejaram se impor, muito embora reduzindo, ao lado da Bélgica e da Holanda suas contribuições à Aliança Atlântica, apoiadas pela Alemanha Ocidental que manteve os gastos com a defesa em apenas 3%. O perigo

russo é para os Ocidentais em geral, mas praticamente só os Estados Unidos arcam com o ônus, contribuindo com 6% de seu Produto Bruto.

Tal fato demonstra claramente a tendência dos Ocidentais a *delegar aos Estados Unidos a mundialização de seus problemas*, enquanto acreditam que para a sorte da Europa, os russos não estão interessados numa ação militar a curto prazo, nesta área do continente.

Baseam-se esses europeus na *teoria da política defensiva soviética*, visto que o Kremlin se vem comprometendo a não ser um agressor, orientando suas forças a se defenderem no caso de um ataque. Não nos devemos porém esquecer de que a *Doutrina Militar Soviética* se mostra bem influenciada pela invasão alemã na Segunda Guerra Mundial — ou seja, *assumir a ofensiva se for iminente um conflito militar*. Assim agiu a Rússia na Hungria, na Tchecoslováquia e Afeganistão, mas manteve-se na defensiva ante a questão polonesa. Defensiva que isolou “a doença polonesa” através de um “cordão sanitário” estendido do Báltico ao Mar Vermelho, onde os líderes comunistas aplicaram velhas normas e impuseram novas restrições para anular qualquer indício do tipo de descontentamento que levou Varsóvia ao reconhecimento, sem precedentes, de um movimento sindical independente.

Nesse contexto ainda, não nos devemos esquecer de que, a 6 de agosto de 1934, falando a um jornal londrino, o “Daily Mail”, Hitler reafirmava o seu desejo de

paz: — “Uma guerra só poderá causar a ruína total da humanidade. A menos que a Inglaterra nos ataque, jamais entraremos em conflito, nem às margens do Reno, nem em qualquer outro ponto da Europa”.

O Kremlin, é fato, não aceita aventuras; como jogador de xadrez e não de pôquer sua tática é a de impedir que o adversário recorra primeiro à força, enquanto são utilizadas contra ele todas as armas da “coexistência pacífica” ou da “guerra fria”.

Várias razões levam o Kremlin a esse *tempero na geopolítica do confronto*. Sabe-se muito bem que apesar dos pesares os Estados Unidos também não estão jogando para perder, muito embora saibam que as Forças Terrestres soviéticas, o dobro das tropas do Exército e do Corpo de Fuzileiros Navais estadunidenses, estão instaladas em áreas geoestratégicas da União Soviética. Mas sabe também o Pentágono que o Kremlin precisa de reformas e soluções alternativas que exigem muita imaginação para a descentralização e delegação de responsabilidades. Neste caso, situa-se o “affaire Afeganistão”, para o qual o Kremlin ainda não encontrou a solução para se desembaraçar do problema e sair com a cabeça erguida. Aí se depara sobretudo, com o *problema do crescimento de grupos étnicos nas suas Forças Armadas*: ao terminar a Segunda Guerra Mundial, 4,7% dos soldados eram não eslavos, oriundos, em sua maioria das Repúblicas Soviéticas Centrais do Usbequistão, Tadziquistão e Kazaquis-

tão; atualmente esse percentual é calculado em 20%.

No entanto, é fato notório que a Rússia tende sempre, diante das dificuldades, a adotar a política do "esperar para ver" e se "moderar para compor", já que o poder não cabe aos 16 milhões de membros do Partido Comunista, mas à sua Cúpula apoiada em determinados grupos ou "clientela". Essa Cúpula é formada por homens da mesma geração com experiência política semelhante. Já os Estados Unidos, longe de serem uma democracia racial à semelhança da Rússia, pretende ser, em contraste com sua rival, uma democracia política; assim, a sua Cúpula é formada por um Congresso heterogêneo que nem sempre age de conformidade com uma sã e segura política externa.

E assim a geopolítica do confronto se vem caracterizando não por um terceiro conflito bélico mundial, mas por guerras que se espalham pelos quatro continentes. Consequentemente, dos 164 países do mundo, 45 estão envolvidos em conflitos, guerras reais ou latentes assim dispostos segundo o Centro de Informações de Defesa dos Estados Unidos (1983):

— *Guerras Convencionais e Conflitos de Fronteira*: China X Vietnã, Coréia do Norte X Coréia do Sul, Iran X Iraque, Iemen do Norte X Iemen do Sul, Somália X Etiópia.

— *Conflitos e Guerrilhas*: Nova Guiné, Timor-Leste, Indonésia, Malásia, Brunei, Filipinas, Singapura, Bornéu, Cambodjia, Tailân-

dia, Laos, Birmânia, Butan, Índia, Síria, Líbano, Israel, Turquia, Paquistão, Afeganistão, Iran, Iraque, Etiópia, Tchad, Uganda, Angola, Moçambique, Zimbábue, Malawi, Namíbia, África do Sul, Marrocos, Sahara (Espanhol), Espanha, Itália, Malta, Irlanda do Norte, Argentina, Peru, Colômbia, Nicarágua, El Salvador, Honduras, Guatemala.

— *Conflitos Potenciais*: Formosa, Bangladesh, Arábia Saudita, Catar, Oman, Bahrein, Koweit, Emirados Árabes Unidos, Egito, Jordânia, Sudão, República Centro-Africana, Zâmbia, Zaire, Quênia, Líbia, Lesoto, Argélia, Mauritânia, Senegal, Gâmbia, Guiné-Bissau, Libéria, República Voltaica, Ghana, Nigéria, Polônia, Iugoslávia, Albânia, Córsega, Chile, Bolívia, Equador, Venezuela, Malvinas, Guiana, Suriname, Porto Rico, Cuba, México.

Tomada essa classificação, observamos que em face do conflito leste-oeste inexistente o diálogo norte-sul. O mundo está em guerra, sem haver guerra mundial; enquanto na geopolítica do confronto as super-potências procuram resguardar-se belicamente no norte, é no sul que se encontra aceso o rastilho da pólvora.

Por outro lado, sem definir o que vem a ser agressão, a ONU se limita a determinar como conceito de guerra apenas o conflito armado de tropas regulares de Estados Soberanos. Consequentemente, as guerrilhas organizadas no estrangeiro não se constituem em agressão; daí a proliferação das

mesmas, via de regra fomentadas por Moscou.

Embora a Carta da ONU vede a ingerência nos assuntos internos dos países-membros, admite a intervenção militar num Estado desde que solicitada por seu governo legal; aí se encontra, pois, a legalidade das intervenções — da Rússia no Afeganistão e dos Estados Unidos no Líbano.

Conseqüentemente, além de ser um instrumento duvidoso de segurança coletiva, a ONU não tem a qualificação da Santa Aliança ou mesmo do Sistema de Alianças que antecedeu a Primeira Guerra Mundial. É que no passado predominava a homogeneidade entre as nações que se pactuavam, contrastando de maneira sintomática com alianças no sentido exato da palavra, da qual participam *micro-organismos políticos que se dizem nações ou de países que nem ao menos são nações*. Na ONU em vez da qualidade predomina a quantidade.

Deve pertencer ao mesmo Terceiro Mundo uma República Federativa do Brasil com 8.511.000 km² e população de 120 milhões de habitantes ao lado de um Reino de Tonga com 748 km² e 100 mil habitantes? Devem ter o mesmo direito de voto na ONU, quando este mesmo Organismo mantém para poucos privilegiados o *poder do veto*? Em face, pois, do conflito leste-oeste *inexiste o diálogo norte-sul*. E assim atingimos a década dos 80 com uma *geopolítica de confronto caracterizada pela difusão e proliferação do poder mundial além do eixo leste-oeste tam-*

bém se transferiu para o norte-sul. Eixo norte-sul bem mais complicado que o leste-oeste pela heterogeneidade das nações.

No entanto, é válido afirmar a existência de um eixo norte-sul senão tão homogêneo, pelo menos muita mais coerente em sua origem cultural e civilização ocidental. Esse eixo é justamente formado pela *América, Ilha-Continente cercada pelos dois maiores oceanos — o Atlântico e o Pacífico*. Daí Haushoffer haver argumentado que numa geopolítica do confronto *a uma Ilha-Mundial unida (Eurasífrica) só uma Pan-América poderia vir a contrabalançar*.

Reforça a tese de Spykman ao afirmar que *o equilíbrio só pode ser completamente definido levando-se em conta a integração relativa das áreas*. E neste contexto, sabe-se que o continente americano possui de norte a sul maior quantidade de matérias primas e equipamento industrial do que qualquer área do mundo de extensão comparável. Isto confere ao continente uma base sólida para invejável poder político-econômico e em seu bojo, o poder militar.

Por outro lado *o conceito de unidade hemisférica é bem mais notório na América do que na Eurasiáfrica*. Mas a verdade é que os Estados Unidos ante a geopolítica do confronto, com a mundialização de seus problemas, ainda não atentaram para esse fato de suma importância. Ante a geopolítica do confronto *uma geopolítica de integração poderá levar a América a transformar a atual configuração do mundo*.

BIBLIOGRAFIA

- Dr. Donald Chipman - O Almirante Gorshkov e a Marinha Soviética - Air University Review - Verão de 1983 - Edição Brasileira.
- Sun Tzu - The War of War - traduzido para o inglês por Samuel B. Griffith - Oxford University Press - N. York, 1963.
- Kenneth N. Waltz - Theory of International Politics - Addison Wesley - N. York, 1979.
- S.G. Gorshkov - The Sea Power of the State - Annapolis - Maryland, 1979.
- Nicholas John Spykman - America's Strategy in World Politics - Harcourt Brace - Nova York, 1942.
- J. Oxford Frankel - International Relations in a Changing World - Oxford University Press - 1979.



Therezinha de Castro - Bacharel e Licenciada em Geografia e História pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (atual UFRJ). Especialização: Geopolítica e Relações Internacionais. Além de outras obras, escreveu "Rumo à Antártica", em que defende os direitos do Brasil no Continente Antártico, "História da Civilização Brasileira", "Atlas-Texto de Geopolítica do Brasil", "África - Geohistória, Geopolítica e Relações Internacionais".